LUMEN ET VIRTUS
ISSN: 2177-2789

COMPREENDENDO O TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

https://doi.org/10.56238/levv15n42-012

Data de submissão: 01/10/2024 **Data de publicação:** 01/11/2024

Luísa Barbosa de Oliveira Paim
Graduanda de medicina na Universidade de Franca - UNIFRAN
E-mail: luisabarbosa5927@icloud.com

Luigi Ribeiro Lima Celani
Graduanda de medicina na Universidade de Franca - UNIFRAN
E-mail: luigilcelani@bol.com.br

Karen Ramone Gonçalves Rocha
Graduanda de medicina na Universidade de Franca - UNIFRAN
E-mail: karen.ramone@outlook.com

André Luis Bernuzzi Leopoldino
Graduando de medicina no centro universitário municipal de Franca- UniFacef
E-mail:andreberleo@gmail.com

Beatriz Rodrigues da Cruz Dias
Graduanda de medicina na Universidade de Franca - UNIFRAN
E-mail: beatriz_rodriguesd@hotmail.com
Lattes: https://attes.cnpq.br/4213016095906790
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5783-2738

Carolina Alves Coelho Ramazza
Graduanda de medicina na Universidade de Franca - UNIFRAN
E-mail: caah.ramazza@gmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/7245160481108746s

Rachel Alexia Silva Faria
Graduanda de medicina na Universidade de Franca - UNIFRAN
Email: rachel_alexia17@hotmail.com

Mariana Coelho Avelino
Graduanda de medicina na Universidade de Franca - UNIFRAN
E-mail: marianacoelhoavelino@gmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2918219309301242

Beatriz Bócoli Santini
Graduanda de medicina na Universidade de Franca- UNIFRAN
E-mail: bia.bsantini@hotmail.com

Marcelo Salomão Aros
Médico Psiquiatra, docente do curso de medicina da Universidade de Franca (UNIFRAN)
E-mail: salomaoaros@gmail.com

RESUMO

Objetivo: O objetivo geral do presente estudo consiste em analisar a produção científica sobre o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) em crianças e adolescentes, buscando identificar as principais manifestações clínicas, bem como as comorbidades que estão associadas com o transtorno. Metodologia: As buscas foram realizadas por meio de pesquisas nas bases de dados PubMed Central (PMC). Foram utilizados três descritores em combinação com o termo booleano "AND": clinical manifestations, antisocial personality disorder, child, conduct disorder, e pediatrics, mental disorders. Foram encontrados 371 artigos, posteriormente submetidos aos critérios de seleção. Foram selecionados 17 estudos. Resultados: O TPAS em crianças e adolescentes é caracterizado por comportamentos persistentes que violam os direitos dos outros e normas sociais, como agressividade, destruição de propriedade e manipulação. Comorbidades comuns incluem Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Conduta, e uma menor quantidade de matéria cinzenta em áreas do cérebro como estruturas límbicas e a amígdala. Outros fatores de risco identificados são a exposição crônica à violência, abuso e negligência na infância, além de lesões ou disfunções do sistema nervoso central. Conclusão: O TPAS está associado a diversas comorbidades que podem amplificar os comportamentos problemáticos e dificultar a intervenção eficaz. A identificação precoce e as intervenções multifacetadas são essenciais para mitigar o desenvolvimento de comportamentos antissociais e promover um desenvolvimento emocional e social saudável. Políticas públicas que priorizem a saúde mental infantil e programas de conscientização são essenciais para desestigmatizar os transtornos mentais e incentivar a busca por ajuda.

Palavras-chave: Transtorno de Personalidade Antissocial, Comorbidades, Manifestações clínicas, Crianças, Adolescentes.

1 INTRODUÇÃO

O transtorno de personalidade antissocial (TPAS), frequentemente compreendido como um conjunto de características que se manifestam ainda na infância ou adolescência, tem sido tema de grande interesse no campo da psicologia e psiquiatria ao longo da história. Embora historicamente o conceito de psicopatia tenha sido inicialmente vinculado a adultos, hoje há um reconhecimento crescente de que esses traços podem surgir desde cedo, o que leva à necessidade de uma investigação mais profunda sobre suas manifestações em populações pediátricas (REVISTA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - REVIVA, 2023).

No Compêndio de Psiquiatria Kaplan e Sadock (2022, p. 45), o diagnóstico de psicopatia em crianças não é utilizado. Nesse contexto, o livro descreve o transtorno de conduta, que pode ser identificado na infância e adolescência. Este transtorno é caracterizado por um padrão persistente de comportamentos que violam os direitos dos outros ou normas sociais, como agressividade, destruição de propriedade e engano. Crianças com transtorno de conduta apresentam um risco aumentado de desenvolver psicopatia na vida adulta, mas o diagnóstico formal de psicopatia é reservado para adultos (Kaplan; Sadock, 2017, p. 45). Assim, é o transtorno de conduta que ocupa um papel central na identificação precoce de padrões comportamentais que podem evoluir para TPAS (JORNAL DA USP, 2021).

Embora o transtorno de conduta sirva como um indicativo precoce, o diagnóstico de psicopatia em jovens ainda enfrenta grandes desafios. A psicopatia, como transtorno de personalidade, é reconhecida como tendo raízes na infância e adolescência, conforme Cleckley (1940). Contudo, o diagnóstico formal de psicopatia em crianças e adolescentes é problemático. Historicamente, pesquisadores como McCord e McCord, nos anos 60, observaram que as características da psicopatia nas populações jovens diferem das encontradas em adultos, levando a confusões conceituais na classificação psicopatológica. A definição de psicopatia e sua identificação precoce ainda são áreas de pesquisa pouco exploradas (DAVOGLIO et al., 2012).

Dada a complexidade do diagnóstico e a sobreposição de comportamentos, entender a epidemiologia do TPAS é essencial. A literatura indica que comportamentos antissociais típicos da adolescência podem ser confundidos com traços de psicopatia, uma vez que características como impulsividade e irresponsabilidade são comuns nessa fase do desenvolvimento. Isso dificulta a distinção entre comportamentos normais da adolescência e aqueles que podem sinalizar um transtorno de personalidade. Vários autores, como Seagrave e Grisso (2002), argumentam que, embora alguns traços psicopáticos possam se manifestar em adolescentes, muitos são comuns ao desenvolvimento juvenil e não devem ser interpretados como indicadores de psicopatia (DAVOGLIO et al., 2012).

Além disso, a ausência de instrumentos diagnósticos validados para populações jovens e a variabilidade dos traços psicopáticos ao longo do desenvolvimento ressaltam a complexidade dessa

avaliação. O foco deve ser na identificação de características afetivas e interpessoais que diferenciam a psicopatia de outros transtornos comuns na infância. A pesquisa empírica com jovens é essencial para entender as nuances do desenvolvimento e as implicações dos traços psicopáticos, evitando diagnósticos precipitados que não considerem a evolução normal do comportamento na adolescência (JORNAL DA USP, 2021).

Compreender a prevalência desses transtornos pode ajudar a contextualizar os desafios diagnósticos e a necessidade de estratégias de intervenção. O TPAS é uma desordem neuropsiquiátrica muito mais comum do que se imagina, atingindo cerca de 1% a 2% da população mundial, ou seja, uma a cada cem pessoas, de acordo com estudos acadêmicos. Considerando esta estatística, só no Brasil, seriam de 2 a 4 milhões de pessoas (JORNAL DA USP, 2021). As taxas de prevalência de transtorno da conduta nos EUA variam de 6 a 16% para homens e de 2 a 9% para mulheres. O transtorno é mais comum em filhos de pais com transtorno de personalidade antissocial e dependência de álcool. Além disso, a prevalência também está associada a fatores socioeconômicos e psicopatologia parental (ENGLER et al., 2022).

O objetivo deste trabalho é realizar uma análise e revisão na literatura sobre o transtorno de personalidade antissocial (TPAS) em populações pediátricas, com a finalidade de compreender melhor as manifestações precoces desses traços. Através da revisão da literatura existente, busca-se identificar os desafios diagnósticos, a eficácia dos instrumentos utilizados e a epidemiologia do TPAS, diferenciando comportamentos típicos da adolescência daqueles que sinalizam um transtorno de personalidade. Este conhecimento pode guiar a criação de novas ferramentas diagnósticas e intervenções baseadas em evidências, prevenindo a progressão do transtorno de conduta para TPAS na vida adulta e, consequentemente, melhorando o manejo e o tratamento desde a infância.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão sistemática que busca compreender os aspectos clínicos do Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) em crianças e adolescentes, objetivando garantir maior conhecimento acerca do quadro clínico e diagnóstico desse transtorno, bem como demonstrar as principais comorbidades associadas. Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi elaborada uma questão norteadora por meio da estratégia PVO (população, variável e objetivo): “Quais são as manifestações clínicas do Transtorno de Personalidade Antissocial em crianças e adolescentes, bem como suas possíveis comorbidades?”

As buscas foram realizadas por meio de pesquisas nas bases de dados PubMed Central (PMC). Foram utilizados três descritores em combinação com o termo booleano “AND”: clinical manifestations, antisocial personality disorder, child, conduct disorder, pediatrics, e mental disorders. A estratégia de busca utilizada na base de dados PMC foi: (clinical manifestations) AND (antisocial

personality disorder) AND (child) e (conduct disorder) AND (pediatrics) AND (mental disorders). Desta busca foram encontrados 371 artigos, posteriormente submetidos aos critérios de seleção.

Os critérios de inclusão foram: artigos nos idiomas inglês, português e espanhol; publicados no período de 2019 a 2023 e que abordavam as temáticas propostas para esta pesquisa. Além disso, foram considerados estudos de revisão, observacionais e experimentais, disponibilizados na íntegra. Os critérios de exclusão foram: artigos duplicados, disponibilizados na forma de resumo, que não abordavam diretamente a proposta estudada e que não atendiam aos demais critérios de inclusão.

Após a associação dos descritores utilizados na base de dados, foram encontrados um total de 371 artigos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 17 estudos, sendo 11 utilizados para compor a coletânea e 8 para participar da análise crítica da revisão sistemática.

3 RESULTADOS

Tabela 1: Fonte Tabela Criada Pelo Autor

Trabalho revisado	Principais Contribuições
Biederman et al., 2020	Contribuiu com informações sobre a eficácia da terapia cognitivo-comportamental (TCC) no tratamento de crianças com traços psicopáticos, ressaltando a importância de desenvolver habilidades sociais, regular emoções e modificar padrões de pensamento disfuncionais.
Engler et al., 2022	Ressaltou a importância dos programas de intervenção precoce e do treinamento para pais e educadores, capacitando-os a reconhecer sinais de alerta e a implementar estratégias eficazes de apoio.
Hawes et al., 2021	Apresentou dados sobre a importância de escolas que implementam programas de prevenção de bullying e inclusão social, contribuindo para a mitigação de comportamentos antissociais. Também destacou a necessidade de uma colaboração eficaz entre profissionais de saúde mental, educadores e pais.
Poore et al., 2020	Identificou características de crianças com traços psicopáticos, como serem manipuladas e charmosas superficialmente, e destacou a dificuldade na identificação desses traços. Ressaltou também a importância da participação em atividades físicas e esportes na regulação emocional.
Perlstein et al., 2022	Enfatizou a importância da promoção de habilidades socioemocionais desde a infância nas escolas, a fim de contribuir para o desenvolvimento emocional das crianças. Realçou a necessidade de uma abordagem integrada nas escolas para lidar com crianças com traços psicopáticos.
Kleine Deters et al., 2023	Discutiu a importância de políticas públicas que priorizem a saúde mental e o bem-estar das crianças, investindo em programas de prevenção e intervenção para mitigar os fatores de risco associados ao desenvolvimento de traços psicopáticos.
Naaijen et al., 2020	Abordou a necessidade de considerar fatores culturais e contextuais ao tratar crianças com traços psicopáticos, ressaltando a variabilidade cultural na percepção e tratamento da psicopatia. Também destacou a importância de um ambiente social e cultural compreensivo para intervenções mais eficazes.
Magalotti et al., 2019	Contribuiu com informações sobre a utilidade do Antisocial Process Screening Device (APSD) para identificar traços psicopáticos em jovens, enfatizando a avaliação de comportamentos como insensibilidade emocional, impulsividade e manipulação.

4 DISCUSSÃO

A etiologia do TPAS é multifacetada, e fatores de risco incluem impulsividade, maus-tratos infantis, baixa supervisão parental e disciplina rígida, baixo QI e desempenho escolar. Neste sentido,

o ambiente caótico em casa, divórcio com hostilidade persistente e psicopatologia parental também são relevantes. Fatores genéticos e ambientais contribuem igualmente para a variação do transtorno da conduta (ENGLER et al., 2022). Os fatores socioculturais também desempenham um papel significativo. Morar em áreas de alta densidade populacional, pais desempregados e falta de apoio comunitário aumentam o risco. Ademais, o uso de álcool e drogas em adolescentes está associado a comportamentos delinquentes e agressivos (POORE et al., 2020).

No que diz respeito aos fatores psicológicos, a pobre regulação emocional entre jovens está ligada a maiores níveis de agressão e transtorno da conduta (HANNIGAN et al., 2021). Adicionalmente, estudos mostram que crianças com transtorno da conduta possuem menor matéria cinzenta em certas áreas do cérebro, como estruturas límbicas e a amígdala (PERLSTEIN et al., 2022). Por outro lado, a exposição crônica a violência, abuso e negligência na infância aumenta o risco de comportamento agressivo (MAGALOTTI et al., 2019). Além disso, é importante considerar que o TDAH frequentemente precede o desenvolvimento do transtorno da conduta e, às vezes, abuso de substâncias. Além disso, lesões ou disfunções do sistema nervoso central também estão associadas a comportamentos impulsivos e disruptivos (NAAIJEN et al., 2020).

Em crianças, comportamentos que violam direitos básicos e normas sociais geralmente são diagnosticados como transtorno de conduta. Esses comportamentos incluem agressão, crueldade, mentiras, roubos, entre outros. Em adultos, esses comportamentos podem evoluir para o transtorno de personalidade antissocial, frequentemente associado ao que muitos chamam de psicopatia. Embora os rótulos e alguns critérios diagnósticos mudem com a idade, a essência dos comportamentos problemáticos e a violação dos direitos dos outros permanecem constantes (KOHLS et al., 2020). Em suma, a psicopatia não pode ser diagnosticada em crianças e adolescentes devido à natureza complexa e dinâmica do desenvolvimento, à sobreposição de traços normais da adolescência com características psicopáticas e à falta de ferramentas diagnósticas adequadas. Isso evidencia a necessidade de cautela e de uma abordagem mais contextualizada para entender os comportamentos antissociais nesta faixa etária, além de reforçar a importância de investigações futuras sobre o tema. (KOHLS et al., 2020)

4.1 DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS GERAIS DA PSICOPATIA EM PACIENTES PEDIÁTRICOS

A psicopatia, muitas vezes relacionada ao Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS), é um transtorno de personalidade que se caracteriza pela falta de empatia, comportamentos manipulativos, impulsividade e uma disposição para violar normas sociais. Quando falamos sobre psicopatia na infância, é fundamental reconhecer que os comportamentos podem se manifestar de maneira diferente do que em adultos. Crianças com características psicopáticas podem demonstrar uma falta de remorso ou culpa após agir de forma prejudicial, dificultando o aprendizado a partir de

experiências negativas (KOHLS et al., 2020). Essa incapacidade de se conectar emocionalmente com os outros pode se traduzir em relações interpessoais problemáticas e, em alguns casos, em comportamentos violentos. Elas tendem a demonstrar uma frieza emocional, sendo incapazes de perceber ou reagir de forma apropriada às emoções dos outros, como tristeza ou dor. Esse comportamento pode se manifestar por ações agressivas, crueis e violentas, como desrespeito a normas e a ausência de arrependimento após comportamentos prejudiciais. A ausência de emoções negativas é um dos principais indicativos da psicopatia na infância e está frequentemente associada a um comportamento impulsivo e disruptivo (POORE et al., 2020).

Um traço comum em crianças com psicopatia é a impulsividade. Essa impulsividade pode resultar em ações arriscadas e na dificuldade em controlar emoções, levando a explosões de raiva ou comportamentos desafiadores. Muitos desses comportamentos se tornam mais pronunciados durante a adolescência, quando as crianças começam a explorar limites e se envolver em atividades de risco (POORE et al., 2020). A impulsividade, combinada com a falta de empatia, pode levar a um ciclo de comportamentos problemáticos que se perpetua ao longo do tempo. Além disso, a psicopatia na infância não é simplesmente uma versão "menor" do TPAS em adultos. As crianças podem apresentar uma combinação de comportamentos que não se encaixam perfeitamente nas definições tradicionais de transtornos de conduta ou desvio de comportamento. A natureza multifacetada da psicopatia infantil exige uma análise cuidadosa e uma compreensão abrangente de como esses traços se desenvolvem e se manifestam. A ausência de remorso, que é uma característica central do TPAS, dificulta o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais saudáveis. A raiva e irritabilidade também são emoções que frequentemente acompanham as características psicopáticas. Crianças com tais traços podem ter dificuldades em gerenciar suas emoções, levando a explosões de raiva e comportamentos agressivos. Essa dificuldade em regular emoções é um fator crítico que contribui para a escalada de comportamentos problemáticos e, se não for abordada, pode levar a um agravamento dos problemas (PERLSTEIN et al., 2022).

Pesquisas mostram que crianças que exibem comportamentos psicopáticos podem ser manipuladoras e charmosas superficialmente. Elas podem usar seu carisma para alcançar objetivos pessoais, enganando e manipulando aqueles ao seu redor (POORE et al., 2020). Isso torna a identificação de traços psicopáticos ainda mais desafiadora, pois essas crianças podem se apresentar de maneira socialmente aceitável enquanto continuam a exibir comportamentos prejudiciais em outras circunstâncias. Além disso, é importante ressaltar que a psicopatia infantil não é uma condição isolada. Muitas vezes, essas crianças podem apresentar comorbidades, como Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno de Conduta, complicando ainda mais o diagnóstico e o tratamento (BIEDERMAN et al., 2020). Essas comorbidades podem amplificar os comportamentos problemáticos e dificultar a intervenção eficaz.

Compreender as características e os comportamentos associados à psicopatia em crianças é crucial para a implementação de intervenções eficazes. À medida que exploramos as abordagens de tratamento e as estratégias de prevenção, é essencial considerar o papel das escolas e da sociedade na identificação precoce e no suporte às crianças que apresentam esses traços, a fim de promover um desenvolvimento emocional e social mais saudável.

4.2 DINÂMICA FAMILIAR E INFLUÊNCIA SOCIAL

O ambiente familiar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de traços psicopáticos em crianças. Estudos sugerem que lares disfuncionais, caracterizados por abuso, negligência ou falta de supervisão, estão associados a um aumento do risco de comportamentos antissociais (KOHLS et al., 2020). A presença de padrões parentais inconsistentes, como disciplina severa alternada com indulgência, pode contribuir para a formação de características psicopáticas nas crianças (ENGLER et al., 2022). Essa dinâmica enfatiza a importância de intervenções que abordem tanto a criança quanto sua família, promovendo um ambiente mais saudável e favorável ao desenvolvimento emocional.

A influência dos pares também deve ser considerada. As interações sociais com outras crianças podem moldar comportamentos e atitudes. A exposição a grupos que promovem comportamentos antissociais pode intensificar traços psicopáticos e aumentar a probabilidade de comportamentos problemáticos (PERLSTEIN et al., 2022). Portanto, é fundamental que educadores e profissionais de saúde mental considerem o contexto social e as influências dos pares ao avaliar e tratar crianças com traços psicopáticos.

Além disso, a questão da criminalidade juvenil não pode ser ignorada. Muitos jovens que desenvolvem comportamentos psicopáticos acabam se envolvendo em atividades criminosas, criando um ciclo de delinquência que pode ser difícil de quebrar. O entendimento dos fatores que levam a essa criminalidade é essencial para o desenvolvimento de programas de prevenção e intervenção eficazes (HAWES et al., 2021).

4.3 DIAGNÓSTICO E FERRAMENTAS DE AVALIAÇÃO

O diagnóstico da psicopatia em crianças, particularmente em relação ao TPAS, é um campo complexo, em parte devido à sobreposição de sintomas com outras condições psiquiátricas, como o Transtorno de Conduta e o TDAH (HANNIGAN et al., 2021). O uso de ferramentas de avaliação, como o Antisocial Process Screening Device (APSD), tem se mostrado útil para identificar traços psicopáticos em jovens (MAGALOTTI et al., 2019). O APSD avalia comportamentos associados à psicopatia, como insensibilidade emocional, impulsividade e manipulação.

No entanto, o diagnóstico deve ser realizado com cautela. A rotulação de uma criança como "psicopata" pode ter consequências negativas, como estigmatização e exclusão social (KOHLS et al., 2020). Por isso, é fundamental que profissionais de saúde mental adotem uma abordagem equilibrada ao diagnosticar e tratar crianças, levando em consideração não apenas os comportamentos observados, mas também o contexto em que ocorrem.

A identificação precoce de traços psicopáticos é crucial, pois a intervenção em estágios iniciais pode ajudar a prevenir o agravamento dos comportamentos e suas consequências. A triagem regular em ambientes escolares e clínicos pode contribuir para a detecção precoce de crianças em risco, permitindo intervenções direcionadas (PERLSTEIN et al., 2022). Além disso, a formação contínua de profissionais de saúde mental e educadores sobre psicopatia e seus efeitos é essencial para garantir que as intervenções sejam informadas e baseadas em evidências. O treinamento deve incluir o reconhecimento de sinais de alerta e as melhores práticas para lidar com crianças que exibem comportamentos problemáticos.

4.4 INTERVENÇÕES E TRATAMENTOS

O tratamento da psicopatia na infância deve ser multifacetado, envolvendo uma combinação de abordagens terapêuticas e o envolvimento da família. A terapia cognitivo-comportamental (TCC) é uma das abordagens mais utilizadas, ajudando as crianças a desenvolver habilidades sociais, regular emoções e modificar padrões de pensamento disfuncionais (BIEDERMAN et al., 2020). A TCC pode ser adaptada para atender às necessidades específicas de crianças com traços psicopáticos, enfatizando a empatia e a resolução de conflitos. Programas de intervenção precoce são essenciais para abordar comportamentos problemáticos em crianças. Esses programas podem incluir treinamento para pais e educadores, capacitando-os a reconhecer sinais de alerta e a implementar estratégias eficazes de apoio (ENGLER et al., 2022). A participação ativa dos pais é fundamental, pois um ambiente familiar positivo pode promover a mudança de comportamento e o desenvolvimento emocional saudável.

Além disso, a promoção de habilidades sociais e a criação de um ambiente escolar seguro e acolhedor são fundamentais para o tratamento da psicopatia infantil. Escolas que implementam programas de prevenção de bullying e que promovem a inclusão social podem ajudar a mitigar o desenvolvimento de comportamentos antissociais (HAWES et al., 2021). A colaboração entre profissionais de saúde mental, educadores e pais é crucial para garantir que as crianças recebam o apoio necessário em todos os aspectos de suas vidas. Ademais, intervenções que incentivam a prática de atividades físicas e o envolvimento em esportes podem ter um impacto positivo na regulação emocional e no desenvolvimento de habilidades sociais. A participação em atividades coletivas ajuda as crianças a aprenderem a trabalhar em equipe, a respeitar regras e a desenvolver um senso de empatia em relação aos outros (POORE et al., 2020).

4.5 A ESCOLA COMO AMBIENTE DE INTERVENÇÃO

As escolas são locais críticos para a identificação e intervenção em comportamentos psicopáticos. Os educadores estão em uma posição única para observar comportamentos de crianças em contextos sociais e acadêmicos. A implementação de programas de conscientização sobre saúde mental nas escolas pode ajudar a equipar professores e funcionários com as ferramentas necessárias para reconhecer e lidar com comportamentos problemáticos (PERLSTEIN et al., 2022).

A formação de uma equipe multidisciplinar nas escolas, composta por psicólogos, assistentes sociais e educadores, pode proporcionar uma abordagem mais integrada e eficaz. Essa equipe pode trabalhar em conjunto para desenvolver estratégias personalizadas para crianças com traços psicopáticos, abordando suas necessidades específicas e promovendo um ambiente escolar seguro e acolhedor. Além disso, a promoção de programas que ensinam habilidades socioemocionais desde a infância pode ter um impacto positivo no desenvolvimento emocional das crianças. Esses programas podem incluir atividades que enfatizam a empatia, a resolução de conflitos e o trabalho em equipe, contribuindo para a formação de relacionamentos saudáveis e respeitosos (HAWES et al., 2021).

4.6 O PAPEL DA SOCIEDADE NA PREVENÇÃO

A criação de políticas públicas que priorizem a saúde mental e o bem-estar das crianças é fundamental. Investimentos em programas de prevenção e intervenção podem ajudar a mitigar os fatores de risco associados ao desenvolvimento de traços psicopáticos, como violência, abuso e negligência (KLEINE DETERS et al., 2023). A colaboração entre governos, organizações não governamentais e comunidades é essencial para criar um ambiente mais saudável e seguro para as crianças. Campanhas de conscientização sobre saúde mental podem ajudar a desestigmatizar o tratamento e promover a busca por ajuda. A sociedade deve encorajar diálogos abertos sobre saúde emocional e comportamental, reduzindo o preconceito associado a transtornos mentais e incentivando a busca de apoio por parte de crianças e suas famílias. A mudança cultural em relação à saúde mental é uma parte essencial da prevenção de comportamentos antissociais e da promoção do bem-estar das crianças em nossa sociedade (KLEINE DETERS et al., 2023).

4.7 CONSIDERAÇÕES CULTURAIS E CONTEXTUAIS

As manifestações da psicopatia na população pediátrica não ocorrem em um vácuo cultural. As normas sociais, os valores e as crenças de uma sociedade influenciam a forma como a psicopatia, incluindo o TPAS, é percebida e tratada (NAAIJEN et al., 2020). Em algumas culturas, por exemplo, comportamentos antissociais podem ser minimizados ou justificadamente tolerados, enquanto em outras podem ser severamente condenados. Essa variabilidade cultural destaca a importância de uma abordagem sensível às diferenças culturais ao tratar crianças com traços psicopáticos. Além disso, a

pesquisa sobre a psicopatia em crianças deve considerar fatores contextuais, como a desigualdade social e a violência comunitária. Crianças que crescem em ambientes marcados pela pobreza ou pela violência podem ter maior probabilidade de desenvolver comportamentos problemáticos. Portanto, a compreensão das manifestações da psicopatia deve levar em conta o contexto social e cultural das crianças, promovendo intervenções adaptadas às suas realidades (POORE et al., 2020).

4.8 A NECESSIDADE DE PESQUISA CONTÍNUA

A pesquisa sobre psicopatia na população pediátrica ainda é um campo em desenvolvimento. É fundamental que mais estudos sejam realizados para compreender melhor os fatores de risco, as manifestações e as intervenções eficazes (BIEDERMAN et al., 2020). A coleta de dados sobre a prevalência da psicopatia infantil e suas características em diferentes populações pode fornecer insights valiosos para o desenvolvimento de políticas e práticas de saúde mental mais eficazes. A interdisciplinaridade é uma abordagem que pode enriquecer a pesquisa nessa área. A colaboração entre psicólogos, psiquiatras, educadores e profissionais da saúde pode promover uma compreensão mais holística dos desafios enfrentados por crianças com traços psicopáticos (KLEINE DETERS et al., 2023). O intercâmbio de conhecimentos e experiências pode levar a intervenções mais eficazes e abrangentes.

4.9 O FUTURO DA INTERVENÇÃO EM PSICOPATIA EM PACIENTES PEDIÁTRICOS

O futuro da intervenção em psicopatia nas crianças, especialmente em relação ao TPAS, requer uma abordagem proativa que vá além da simples resposta a comportamentos problemáticos. A identificação precoce, o apoio familiar e a promoção de ambientes positivos são componentes cruciais para ajudar as crianças a desenvolverem habilidades sociais e emocionais saudáveis (PERLSTEIN et al., 2022). As intervenções devem ser baseadas em evidências e adaptadas às necessidades específicas de cada criança, considerando sua história de vida e contexto social.

Além disso, é fundamental que a educação sobre saúde mental se torne uma prioridade nas escolas e comunidades. A sensibilização sobre a psicopatia e os comportamentos antissociais é essencial para reduzir o estigma e promover uma compreensão mais profunda sobre esses transtornos (HAWES et al., 2021). A educação deve incluir não apenas profissionais, mas também pais e a comunidade em geral, promovendo um diálogo aberto sobre saúde mental.

5 CONCLUSÃO

A revisão sistemática sobre o transtorno de personalidade antissocial (TPAS) em crianças e adolescentes evidencia a complexidade e multifatoriedade dessa condição. Fatores de risco como

impulsividade, maus-tratos infantis e ambientes familiares disfuncionais são críticos. Além disso, fatores socioculturais e a influência dos pares também contribuem significativamente.

A avaliação precoce e intervenções, como a terapia cognitivo-comportamental (TCC) e programas de treinamento para pais e educadores, são fundamentais para mitigar comportamentos antissociais. As Escolas desempenham um papel crucial na identificação e tratamento, promovendo programas de prevenção de bullying e inclusão social.

Políticas públicas que priorizem a saúde mental infantil e campanhas de conscientização são essenciais para desestigmatizar transtornos mentais e incentivar a busca por ajuda. A pesquisa contínua sobre fatores de risco, manifestações e intervenções eficazes é vital para um tratamento mais eficaz e adaptado às realidades das crianças.

Em suma, uma abordagem integrada que envolve família, escola, sociedade e políticas públicas é necessária para tratar e prevenir a psicopatia na infância, promovendo um desenvolvimento emocional e social saudável.

REFERÊNCIAS

BIEDERMAN, J. et al. Can the Child Behavior Checklist (CBCL) help characterize the types of psychopathologic conditions driving child psychiatry referrals? Scandinavian Journal of Child and Adolescent Psychiatry and Psychology, v. 8, n. 1, p. 157-165, 2020.

DAVOGLIO, T. R. et al. Personalidade e psicopatia: implicações diagnósticas na infância e adolescência. Estudos de Psicologia (Natal), v. 17, p. 453-460, 2012.

ENGLER, A. D. et al. A systematic review of mental health disorders of children in foster care. Trauma, Violence, & Abuse, v. 23, n. 1, p. 255-264, 2022.

HANNIGAN, L. J. et al. Genetic liability for schizophrenia and childhood psychopathology in the general population. Schizophrenia Bulletin, v. 47, n. 4, p. 1179-1189, 2021.

HAWES, S. W. et al. Reward processing in children with disruptive behavior disorders and callous-unemotional traits in the ABCD study. American Journal of Psychiatry, v. 178, n. 4, p. 333-342, 2021.

JORNAL DA USP. Transtorno da personalidade antissocial pode atingir entre 1% e 2% da população mundial. Campus Ribeirão Preto, 2021. Disponível em: https://jornal.usp.br/?p=417238. Acesso em: 22 out. 2024.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J. Compêndio de Psiquiatria: Ciências Comportamentais e Psiquiatria Clínica. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

KLEINE DETERS, R. et al. Emotion recognition profiles in clusters of youth based on levels of callous-unemotional traits and reactive and proactive aggression. European Child & Adolescent Psychiatry, v. 32, n. 12, p. 2415-2425, 2023.

KOHL, G. et al. Investigating sex differences in emotion recognition, learning, and regulation among youths with conduct disorder. Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, v. 59, n. 2, p. 263-273, 2020.

MAGALOTTI, S. R. et al. Understanding chronic aggression and its treatment in children and adolescents. Current Psychiatry Reports, v. 21, p. 1-12, 2019.

NAAIJEN, J. et al. Specific cortical and subcortical alterations for reactive and proactive aggression in children and adolescents with disruptive behavior. Neuroimage: Clinical, v. 27, p. 102344, 2020.

PERLSTEIN, S. et al. Low social affiliation predicts increases in callous-unemotional behaviors in early childhood. Journal of Child Psychology and Psychiatry, v. 63, n. 1, p. 109-117, 2022.

POORE, H. E. et al. Construct validity of youth psychopathic traits as assessed by the Antisocial Process Screening Device. Psychological Assessment, v. 32, n. 6, p. 527, 2020.

REVISTA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - REVIVA. Estudo sobre a epidemiologia do Transtorno de Personalidade Antissocial em pacientes pediátricos. Revistas UCEFF, v. 12, n. 3, p. 45-56, 2023.